Trabalho de Conclusão de Curso

Curso de Relações Internacionais

TCC em Formato de Artigo Científico Conforme Definido Pelo Regulamento de TCC

Projeto Pedagógico de Curso do Curso de Relações Internacionais em Cumprimento das DCNs do Curso de Relações Internacionais (MEC/CNE)

Título: A ICONOGRAFIA ANTISSEMITA DA PROPAGANDA NAZISTA COMO INSTRUMENTO DE CONTROLE SOCIAL

Nome do(a) Estudante: HELENA MATTOS MARCOLINO

Nome do(a) Orientador(a): RODRIGO MEDINA ZAGNI

Ano de Depósito: 2021

Resumo: No cerne deste trabalho reside a intenção de analisar o papel dos cartazes de propaganda nazista durante o período do III *Reich*, pretendendo-se explicitar sua importância na ascensão do Partido Nazista e na manipulação das massas contra um inimigo em comum: o judeu. Um contexto histórico será apresentado para entendermos melhor a conjuntura da ascensão dos fascismos na Europa e cartazes de propaganda com teor antissemita serão analisados através da iconografia para corroborar a hipótese da imprescindibilidade da propaganda nazista para a aclamação de Hitler e do Partido.

Palavras-chave: Propaganda Nazista; Nazismo; Segunda Guerra; Antissemitismo; Imagens; Análise Iconográfica.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar o caráter social da propaganda antissemita produzida pelo nazi-fascismo, de forma a entender a importância da iconografia no processo de assentamento do regime nazista. Em meio a atual instabilidade política e econômica mundial, sobretudo com o reavivamento dos partidos de extrema direita na Europa, no Norte da América e na América Latina, e as crescentes manifestações de ódio nomeadamente ultranacionalistas, conservadoras, xenofóbicas e homofóbicas, é imperativo revisitar de forma crítica o passado alemão a fim de compreendermos de que forma, por meio de estratégias de propaganda de massa, o regime fomentou e liberou tamanho poder destrutivo. Foram tremendas as atrocidades cometidas no período nazista com o propósito de plasmar a identidade do povo alemão no ódio a "párias sociais" dentro e fora da Alemanha, culminando no extermínio físico daqueles considerados inferiores, na borda externa do conceito ali cunhado de civilização. Com isso, esta pesquisa tem o propósito não apenas de erigir senão de difundir conhecimento, almejando um esclarecimento maior sobre as intolerâncias e a ainda vigente cultura de ódio que caracteriza o mundo contemporâneo.

Não que a compreensão do passado nos liberte do risco de revivê-lo; mas a análise crítica do tempo pretérito é imprescindível para as lutas que são travadas no presente da nossa existência.

A metodologia utilizada, no campo da pesquisa histórica com fontes visuais, é a da análise iconográfica, que consiste, sumamente, no estudo e interpretação de imagens como veículos comunicacionais, portadores de sentidos e significados, baseados na representação simbólica, por vezes caricata, de personagens, lugares, situações etc.

Primeiramente devemos entender que as imagens não se constituem apenas de recursos técnicos e individuais de expressão imediata, mas conformam um legado histórico erigido por concepções culturais coletivas, sendo o objeto da iconografia não pura e simplesmente os símbolos, mas as instituições que os conceberam (NEIVA, 1993: p.13-14). São as particularidades culturais que lhes conferem estilística e lhes fornecem a inspiração causal e inicial de sua confecção. As imagens possibilitam, ainda, diferentes interpretações com o passar do tempo. Buscando recuperar, a fim de melhor caracterizar, as mentalidades vigentes ao tempo de sua criação e circulação, é preciso impor a elas um questionamento fulcral: qual a intencionalidade do Partido Nazista, no período de vigência do *III Reich*, em elaborar e divulgar cartazes de propaganda com mensagens antissemitas?

Com este escopo, devemos desmembrar as imagens como peças de um quebra-cabeças de forma a analisar e compreender seus elementos constitutivos, começando com a observação visual da imagem, de forma a estabelecer seus componentes puros, suas cores e formas. Estabeleceremos, então, o meio comunicacional primeiro como por exemplo escritas ou símbolos, por meio do qual a imagem passará sua mensagem mais direta ao público receptor, para, finalmente, partirmos em direção ao seu período histórico, de modo a contextualizarmos sua ordem cultural e seus motivadores causais. Seguiremos o método proposto por Panofsky, que é composto por três níveis de observação. O primeiro, também conhecido como nível pré-iconográfico, informa que a análise das imagens deve partir da descrição visual dos objetos artísticos nela representados. O segundo, o iconográfico, diz respeito à cultura e aos costumes e tradições de épocas e civilizações. Os dois primeiros níveis são de extrema importância para compreendermos simbólica e contextualmente a obra de arte. Já o terceiro, o nível iconológico, relaciona-se com o período histórico da imagem. Trata-se da observação pura, que transforma a obra em um documento histórico a ser estudado e compreendido (NEIVA, 1993: p.11-29).

Vale ressaltar que a imagem baseia-se numa experiência empírica para retratar a realidade, mas em que medida podemos garantir que o retratado é, de fato, expressão do mundo real? As imagens também servem para iludir e manipular, sendo artefatos muito bem utilizados pelo regime nazista em suas estratégias de mobilização e controle de massas – como mostraremos nesta pesquisa.

Constituindo as fontes para o processo de investigação científica aqui explicitado, foram selecionadas 8 imagens antissemitas de uma vasta série produzida pelo regime nazifascista durante o período de 1933, com a proclamação do *III Reich*, a 1945, com a derrocada final do regime. São elas: (1) "Judeus não são bem-vindos aqui" (1936. United States Holocaust Memorial Museum); (2) “Judes são nossa desgraça” (1936. United States Holocaust Memorial Museum); (3) "Música degenerada" (1938. Bildarchiv Preussischer Kulturbesitz); (4) "Os judeus são como piolhos: eles causam tifo" (1941. United States Holocaust Memorial Museum); (5) “Complô Judaico contra a Europa” (1941. Imperial War Museum); (6) “Por trás dos poderes inimigos: os judeus" (Aproximadamente 1942. United States Holocaust Memorial Museum); (7) “A guerra é culpa dele” (1943. U.S. Library of Congress); e (8) “O judeu: o incitador da guerra, o prolongador da guerra” (Final de 1943, início de 1944. United States Holocaust Memorial Museum).

O desenvolvimento deste trabalho será dividido em 3 capítulos, sendo eles: o antissemitismo moderno; o nazismo como regime de propaganda; e a análise da propaganda visual nazista.

O ANTISSEMITISMO MODERNO

O antissemitismo é um termo concebido em 1879 pelo jornalista alemão Wilhelm Marr, utilizado para designar a aversão ao povo judeu, um dos povos de raça semita, como também os árabes e os hebreus. Ao longo da História, observamos diversos momentos em que os judeus sentiram, de forma verbal ou física, a repugnância, a exclusão e a perseguição daqueles que os consideravam inferiores, usurpadores ou hereges.

Dessa forma, o antissemitismo não é um fenômeno moderno: remonta ao período pré Cristão, no século VI a.C., com a deportação forçada dos hebreus de sua terra natal para a Babilônia, onde se tornaram escravos dos novos impérios da Mesopotâmia, passa pelo Império Romano, com a expulsão dos judeus da região e é visto, também, na Idade Média, sobretudo pelas diferenças entre o catolicismo e o judaísmo, que fizeram os judeus tornarem-se bodes expiatórios para diversos acontecimentos, como, por exemplo, a Peste Negra. Foram também perseguidos e executados durante a Inquisição, sobretudo no sul europeu, o que explica a enorme quantidade de judeus presentes no norte e leste europeu, descendentes justamente das antigas famílias judaicas do sul do Antigo Regime (ERIKSEN, 2010: p. 137-150).

O antissemitismo era consumado no campo religioso, mas com entrecruzamentos políticos e razões econômicas - e, como veremos mais adiante, também no campo científico, sobretudo durante o regime nazi-fascista. É importante frisar que, embora o movimento carregasse a mesma essência ao longo dos séculos, as justificativas nas quais o antissemitismo se baseava não eram as mesmas: o antissemitismo greco-romano se diferenciava do cristão, que por sua vez também apresentava distinções com o antissemitismo nacionalista (MESSADIÉ, 2010: p. 39), foco do nosso estudo nesta pesquisa.

As perseguições os impediam de assumir determinados cargos e os forçavam a ficar reclusos em determinadas regiões. Durante a Reforma Protestante, sofreram com o ódio de Martinho Lutero em seu manifesto antijudaico denominado "Sobre os Judeus e Suas Mentiras" (ZAGNI, 2013), que incentivava a queima de sinagogas e escolas judaicas, além da destruição de bens religiosos, e instituía o antissemitismo como um aspecto constitutivo da

Reforma. Séculos depois, Lutero é citado em *Mein Kampf*[1], como uma das principais figuras da Alemanha, e seu manifesto é exibido e distribuído pelos alemães em comícios nazistas.

Durante a monarquia absolutista na Europa Central, contudo, os judeus passaram a ocupar, isoladamente, as casas dos monarcas como uma espécie de chefe das finanças, mas foi então com a consolidação das nações modernas que passaram a se juntar e integrar camadas estatais. Os Estados constitucionais paridos pelas revoluções liberais os concederam a igualdade de direitos - ainda que de forma ambígua, contrastando a insurgência de igualdade política e jurídica com a expansão de privilégios aos judeus, alguns mais afortunados em um primeiro momento, depois todos da Europa ocidental e central (ARENDT, 2012: p. 31-32). Os judeus foram grandes credores dos países europeus e de forma alguma os Estados permitiriam que fossem assimilados ao resto da população e da burguesia, que não se interessava pelos negócios estatais e optava pelo investimento privado. Mais uma vez, enxergamos a ambiguidade: a igualdade perante a lei e a segregação de uma sociedade novamente dividida em classes sociais. Vale ressaltar que os judeus não se constituíram de fato como uma classe, visto que transitavam tanto pela aristocracia quanto pela burguesia sem de fato pertencerem a nenhuma delas, mas procuraram manter sua identidade como grupo, muitas vezes recusando a envolverem-se para além da oferta de crédito em negócios capitalistas. É curioso o fato de que os judeus tornaram-se bem sucedidos no que lhes foi permitido fazer, o comércio e as profissões liberais, e posteriormente odiados e repugnados pelo mesmo ofício que lhes foi oferecido.

A situação começa a mudar a partir do século XIX, quando, no Imperialismo, com a intensificação dos processos de financeirização do capital, os judeus passam a dividir lugar com outros investidores capitalistas - estimulados pela própria lógica da concorrência e pela percepção da força dos negócios comerciais estatais. Ainda que com a perda de sua importância econômica, tanto pelo surgimento de novos credores, quanto pela emancipação econômica de diversos países que não mais precisavam de ajuda financeira, os judeus mantiveram sua importância estatal por seu caráter inter europeu, extremamente importante para a resolução de conflitos entre as nações.

Essa importância de conexões internacionais, contudo, perde seu valor alguns anos depois e chega a ser usada contra o povo judaico, visto que "os judeus eram valiosos na guerra na medida em que, usados como elemento não-nacional, asseguravam as possibilidades de

[1] Minha Luta, em português. Autobiografia e manifesto político escrito por Hitler em seu tempo como preso militar, acusado de tentativa de golpe de Estado em Munique, em 1923.

paz […], quando as guerras tornaram-se ideológicas, visando a completa aniquilação do inimigo, os judeus deixaram de ser úteis" (ARENDT, 2012: p. 41).

O caráter internacional e sem Estado do judaísmo contribuiu para que, ainda no século XIX, surgisse o chamado antissemitismo moderno, fortemente atrelado ao esteriótipo dos judeus como uma grande família, que controlava o comércio e as finanças internacionais e manipulava os governantes como marionetes, a fim de destruir a sociedade moderna. Segundo Hannah Arendt, o antissemitismo moderno foi enxergado pela primeira vez na Prússia (2012: p. 49), como consequência das reformas por uma sociedade mais igualitária, livre de privilégios, após a conquista de Napoleão. Para os aristocratas, classe mais afetada pelas reformas, os judeus seriam os únicos beneficiados e a Prússia cairia nas mãos do judaísmo. Vale ressaltar que, por muitos anos, os judeus mantiveram grande fé no Estado e por vezes pareceram ser os únicos a apoiá-lo - o que os tornou fáceis e óbvios alvos para outros grupos sociais toda vez que estes se revoltavam com o governo.

O mesmo movimento antissemita da classe aristocrática feudal é visto, posteriormente, na Alemanha, com a revolta contra Bismarck e sua ligação com os judeus, e fortalecido pelos escândalos financeiros de superprodução de capital - que levou o antissemitismo, também, para a classe média baixa, que passou a enxergar as mudanças no livre comércio como ameaçadoras para suas finanças e a se sentir abandonada pelo o que antes era um Estado intervencionista e protetor. Precisaram buscar crédito com os banqueiros, a quem por vezes não confiavam e enxergavam como usurpadores, que ganhavam com a miséria do resto da população. Por serem em sua maioria judeus, consequentemente o movimento contra o capital bancário tornou-se, então, um movimento antissemita. Mais do que os empréstimos privados, a pequena burguesia temia o poder político que os judeus pareciam ganhar mediante empréstimos estatais e sua longa trajetória de proximidade com o governo (ARENDT, 2012: p. 58).

É neste contexto que surgem os primeiros partidos antissemitas, que tinham como intuito estar acima do governo que tanto iam contra, englobando toda a nação de forma a tomar o poder executivo para eles, destruindo não apenas os judeus, mas também toda a estrutura do Estado-nação. Diferentemente de outros países, que incorporaram o antissemitismo após a implantação de uma lógica imperialista e nacionalista, o antissemitsmo alemão precedeu esse movimento. Para eles, era necessário lutar contra os verdadeiros detentores do poder político por detrás dos governos, os judeus, e retomar deles esse poder absoluto (ARENDT, 2012: p. 59-60). Vale ressaltar que, apesar do caráter nacionalista, os novos partidos antissemitas tinham como intuito unir as nações europeias sob seu controle e

romper com as estruturas nacionalistas tradicionais - o que enxergamos muito claramente, mais tarde, com o conceito de espaço vital[2] utilizado por Hitler como justificativa para a conquista e a expansão territorial.

É claro que, como uma das justificativas para o antissemitismo alemão, devemos pontuar, também, a eugenia, representada pela raça ariana e sua superioridade em relação às demais. Usado como um dos pilares do Partido Nazista, o livro "Fundamentos do Século XIX", escrito pelo britânico Houston Stewart Chamberlain, aponta a luta entre as raças como intrínseca à história da humanidade e a raça ariana como composta por superhumanos (ZAGNI, 2013). Do outro lado, os judeus eram retratados como degeneradores da raça, responsáveis pela miscigenação e consequente enfraquecimento da linhagem e do sangue ariano, fazendo-se necessária a degradação física e moral dos judeus para o então restabelecimento dos homens-deuses arianos.

Fortemente influenciados pelo Darwinismo Social[3], os nazistas acreditavam que deficiências físicas e mentais e desvios de conduta seriam hereditários e que estas populações estariam contaminando a raça superior ariana. A permissão por parte do Estado em garantir a sobrevivência das raças inferiores era errônea e resultaria na superpopulação destas, o que iria contra o curso "natural" da vida. Dessa forma, tornava-se imprescindível o extermínio destas ameaças - conduta claramente exemplificada pela presença em campos de concentração nazistas não somente de judeus, mas também de deficientes físicos e mentais, homossexuais, ciganos, negros, entre outros. Vale ressaltar que os que tinham força de trabalho para oferecer serviram como escravos em campos de concentração, enquanto os mais idosos ou impossibilitados fisicamente muitas vezes eram enviados diretamente para campos de extermínio.

> "Seu objetivo (de Hitler) era edificar a nação alemã como um império soberano ao pregar a criação de uma raça ariana, pura e superior às demais. Sua sede por dominação levou a uma implacável perseguição de grupos considerados pertencentes a raças inferiores, em particular aos judeus, deficientes, comunistas e eslavos" (FERREIRA, 2014: p. 2).

---

[2] Lebensraum, em alemão. Este conceito foi criado por Friedrich Ratzel e defende que os países desenvolvidos devem conquistar os países menos desenvolvidos, necessitando, para isso, de um amplo espaço geográfico para seu desenvolvimento.

[3] Teoria da evolução da sociedade, surgida na década de 1870. Baseada na teoria da evolução de Darwin, defendia a existência de raças superiores e inferiores, que prosperariam e declinariam, respectivamente, de acordo com a seleção natural.

A eugenia e a limpeza racial do nazismo, portanto, encontraram bases científicas como justificativa para o começo das atrocidades que culminaram posteriormente no Shoah[4]. É criado o primeiro instituto de biologia racial da Alemanha, em 1927, e outorgada a primeira lei de controle da "prole geneticamente doente", em 1933, que esterilizou aproximadamente 400 mil pessoas (ZAGNI, 2013). A figura do médico passa a ter extrema importância na hierarquia nazista militar, não só por ser o responsável pelo cuidado dos alemães e pela cura dos combatentes no cenário da guerra, mas também por se encarregar do combate à miscigenação. Os médicos nazistas, fortemente representados pela figura de Josef Mengele[5], conduziram experimentos cruéis em prisioneiros de guerra com a justificativa de progresso científico e de limpeza racial, baseando-se na ideia eugenista de melhoramento das características humanas, sejam elas físicas ou morais, através do controle reprodutivo e da seleção artificial. Devemos ressaltar que tais experimentos nunca obtiveram resultados concretos de desenvolvimento científico e corroboraram apenas para o horror do governo de Hitler.

Por outro lado, os mitos também foram de extrema importância para o antissemitismo no começo do século XX. Usado como um dos mais importantes textos para a propagação da imagem negativa do Judeu, "Os Protocolos dos Sábios de Sião", texto russo antissemita, publicado após a Revolução Russa de 1917, corrobora com a imagem do ideário antijudaico de uma conspiração internacional para a dominação do mundo. Segundo descrito na Enciclopédia do Holocausto do United States Holocaust Memorial Museum:

> "Alfred Rosenberg[6], ideólogo do Partido Nazi, apresentou uma cópia dos Protocolos a Hitler no início da década de 1920, período em que o futuro líder desenvolvia a sua visão do mundo. Em alguns dos seus primeiros discursos políticos, e ao longo de sua vida, Hitler fez referência aos Protocolos, explorando o mito de que os "judeus bolcheviques" conspiravam para dominar o mundo. Durante as décadas de 1920 e 1930, o texto Os Protocolos dos Sábios de Sião teve papel de destaque no arsenal de propaganda nazista, e o Partido Nazi publicou pelo menos 23 edições dos Protocolos

---

[4] Palavra de origem hebraica, significa destruição, ruína, catástrofe, e a utilizaremos para nos referirmos à destruição sistemática do povo judeu na Alemanha Nazista. O termo Holocausto, mais conhecido e utilizado até então, tem sido substituído: de origem grega, se refere a um “sacrifício pelo fogo”, tendo uma conotação religiosa e designando um sacrifício voluntário em prol de um Deus, sendo, portando, inapropriado para denominar as atrocidades do período.

[5] Conhecido como "O Anjo da Morte", foi coronel-médico da SS em Auschwitz e conduziu milhares de experimentos em cobaias vivas, especialmente em gêmeos. Passou por diversos países da América do Sul fugindo da caça aos oficiais nazistas após o fim da Segunda Guerra, e por fim estabeleceu-se no Brasil, onde passou seus últimos 17 anos de vida em São Paulo até morrer de um mal súbito em uma praia de Bertioga.

[6] Político e escritor alemão, ficou à frente do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores enquanto Hitler estava preso, além de ser considerado o principal teórico do nazismo. Foi editor do jornal do partido, *Der Völkische Beobachter*, e ministro encarregado pelos territórios orientais ocupados durante a Segunda Guerra. Em 1930, publicou "*Der Mythus des zwanzigsten Jahrhunderts*" (O Mito do Século XX), no qual discorre sobre a superioridade da raça ariana. Foi condenado à morte por crimes de guerra e crimes contra a humanidade no Tribunal de Nuremberg e enforcado em 1946.

> entre 1919 e 1939. Após os nazis alcançarem o poder na Alemanha, em 1933, Os Protocolos chegaram a ser utilizados nas escolas com o intuito de doutrinar os mais jovens" (Data incerta).

A segregação institucionalizada do regime nazista ocorre logo em seus primeiros anos de poder, iniciando-se ainda em 1933, com a Lei contra a Superpopulação de Escolas Alemãs, que dificultou e reduziu o acesso para não arianos a escolas e faculdades, a uma cota fixa de aceitos de 1,5% (HILBERG, 2016a: p. 179). Em 1935, o casamento entre alemães e judeus é proibido, e com o decretamento das chamadas Leis de Nuremberg (Lei de Cidadania do *Reich*, Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemãs e o Primeiro Regulamento para a Lei de Cidadania do *Reich*), os judeus encontram-se sem seus direitos civis e iniciam a trajetória de perseguição e exclusão que os levaria ao Holocausto. Para Hilberg, “os decretos contra as misturas constituíram a primeira fase do processo de formação de guetos" (2016a: p. 181).

O antissemitismo foi de grande importância para a deflagração da Segunda Guerra Mundial. Embora as declarações nazistas contra os judeus ocorressem há muitos anos, os comícios do partido ganharam vieses antissemitas com muita força nos anos 1930, após a sua chegada ao poder. Em um comício em Nurembergue em 1936, Hitler garantiu que 98% dos líderes do Estado camponês e operário da União Soviética eram judeus, que planejavam "exterminar a presente liderança dos povos enraizados orgânica e sanguineamente e substituí-la por elementos judaicos estranhos aos povos arianos" (HERF, 2014: p. 87). A partir de 1939, os discursos tomam tons mais violentos, que causaram tamanha comoção na sociedade alemã a ponto de discutir-se a revogação dos direitos dos judeus, confisco de suas propriedades, retirada de seus postos de trabalho e até sua expulsão da Alemanha e da Europa (HERF, 2014: p. 93-94), o que abre as portas para a defesa do extermínio em massa alguns meses mais tarde e incita a população a aceitar e apoiar a luta internacional que deveria ocorrer para impedir a dominação bolchevique judia.

Em seu discurso anual para o *Reichstag*, em janeiro de 1939, Hitler, no auge de sua popularidade e com apoio das diversas elites alemãs, já havendo esmagado e censurado a oposição, acusa o judaísmo internacional de planejar o extermínio do povo alemão. Com boa parte dos judeus já exilados em outras regiões, Hitler afirma que o "inimigo mundial judeu" havia sido derrotado na Alemanha, mas que agora os encarava de fora (HERF, 2014: p. 96). Pela primeira vez desde 1920, Hitler ameaça publicamente o extermínio em massa do povo judeu:

> "Muitas vezes em minha vida fui um profeta e na maior parte das vezes fui ridicularizado. No momento de minha luta por poder, o povo judeu sempre recebia

> com gargalhadas minhas profecias de que eu um dia seria o líder deste Estado e de todo o povo alemão, e que, entre outros feitos, também traria uma solução para o problema judaico. Acredito que essa gargalhada vazia do judaísmo na Alemanha já entalou em sua garganta. Hoje, quero ser um profeta novamente: se o judaísmo financeiro internacional dentro e fora da Europa conseguir arrastar as nações para mais uma guerra mundial, o resultado não será a bolchevização do planeta e a consequente vitória dos judeus, mas a aniquilação da raça judaica na Europa."[7]

A existência de um sujeito histórico chamado "comunidade judaica internacional" era tão real e ameaçadora quanto a própria União Soviética, mas diferentemente da derrota na Primeira Guerra Mundial (a quem Hitler também culpava os judeus), se uma nova guerra começasse, necessariamente por um ataque do judaísmo internacional, o Partido Nazista estaria preparado para trazer a verdade ao mundo sobre o povo judeu, graças a seu aparelho propagandístico (HERF, 2014: p. 98).

Como sabemos, a Segunda Guerra Mundial começou baseada em um falso ataque a uma estação de rádio alemã na fronteira entre a Alemanha e a Polônia - ataque forjado por tropas da SS para justificar a invasão alemã na Polônia. Hitler ainda não noticiava o começo da guerra como de fato uma guerra, e na verdade dizia "que estavam respondendo aos tiros poloneses", mas, dias mais tarde, com a proclamação de guerra por parte da Inglaterra, o *Führer* consegue a justificativa que tanto buscava e informa ao Partido Nazista: "nosso inimigo judaico-democrático conseguiu incitar o povo inglês ao estado de guerra contra a Alemanha" (HITLER, 1939). A partir daí, o Escritório de Imprensa do *Reich* instruiu os editores a responsabilizar os judeus por incitarem a Inglaterra a começar a guerra.

O NAZISMO COMO REGIME DE PROPAGANDA

O período entreguerras inscreveu a mais severa crise econômica do século XX. Da Revolução Industrial à crise dos anos 1930 (1929 e 1933), ainda que tivessem ocorrido crises cíclicas, o mundo experimentou um crescimento econômico juntamente a um progresso tecnológico sem precedentes, somados ao processo da crescente mundialização do capital (HOBSBAWM, 1995: p. 92; CHESNAIS, 1996). A grande potência em ascensão, desde o final do séc. XIX, os EUA, havia saído vitoriosa da Grande Guerra e com muitos saldos positivos: ganhos altíssimos com materiais bélicos e pouca perda estrutural, já que seu território não estava, de fato, no entorno do conflito, e encontrava-se ileso na sua porção

[7] Discurso proferido ou publicado ao menos 5 vezes pelo *Führer*, entre 1939 e 1943, para rádios, revistas e em comícios para oficiais do Partido Nazista.

continental. A sociedade norte-americana experimentava um poder de compra cada vez maior e o consequente consumismo exacerbado disparou a economia do país que se tornou, também, o maior credor do planeta. Com o continente europeu arrasado pela guerra e afundado em dívidas, as economias de seus países estavam cada vez mais interligadas e dependentes da maior potência econômica mundial. Os próprios americanos, esperançosos com o capitalismo em expansão e prevendo um futuro economicamente vasto e brilhante, a cabo de um projeto autoconsciente de suas aspirações hegemônicas, a fim de garantir a plena expansão de suas forças produtivas, estabelecem vínculos de ajuda econômica aos países devastados pela destruição humana e material da guerra (DOBB, 1971: p. 392).

Por outro lado, a derrota e a humilhação da Alemanha na Grande Guerra, sobretudo após lavrado o Tratado de Versalhes, que lhe impôs fortes restrições e punições, tais quais a diminuição de seus efetivos de exércitos, a extinção de sua marinha de guerra e de sua arma aérea, bem como o pagamento de pensões a famílias de combatentes estrangeiros mortos e pesadas reparações aos vencedores – às quais vincou-se a ocupação estrangeira de importantes regiões ricas em matéria-prima industrial, como a ocupação francesa do Vale do Rhür – , ocasionou um expressivo sentimento de perda e revanchismo já em 1918, do qual decorre não apenas um notável nacionalismo econômico mas, em termos identitários, o ultranacionalismo que seria característico dos regimes totalitários europeus. Muitos jovens nacionalistas e soldados que lutaram a Grande Guerra, dentre os quais o então cabo de Exército Bávaro Adolf Hitler, usariam desse ressentimento para, mais tarde, romper com a direita alemã tradicional e fundar uma novíssima e radical ultradireita, não mais baseada no pensamento oligárquico e de matriz religiosa que caracterizara a autocracia dos *kaisers*, mas apropriando-se dos caracteres das esquerdas de massa do século XIX. Reivindicando como base de apoio a grande massa de trabalhadores pobres e classes médias pauperizadas pela crise econômico-social, relegavam quaisquer tradicionalismos de fundo aristocrático, acusando as elites políticas da recém-nascida República de Weimar de terem traído a nação alemã em prol das "decadentes potências ocidentais" que preconizariam o mal fadado capitalismo internacional.

Isso para dizer que no final da década de 1920, com a quebra da bolsa de Nova York, o mundo presenciou uma recessão nunca antes vista nos processos de acumulação do capital; uma recessão que colocou em crise o capitalismo e os regimes liberais – e os destruiu por meio século (HOBSBAWM, 1995: p. 92) – abrindo espaço para a ascensão dos regimes fascistas na Europa. Os empréstimos estrangeiros cederam, as importações e exportações caíram drasticamente, já que havia uma crise nos preços de alimentos e matérias-primas, e o

desemprego alcançou sua maior e mais longa taxa, repercutindo não apenas na estagnação dos ciclos de comércio, mas de tal monta que destruiu parte significativa do mundo da produção de mercadorias. Ocorreu, também, a maior crise de crédito já vista desde o início dos ciclos de acumulação capitalistas.

Somados os fenômenos, a crise sistêmica colocou em descrédito a política e a economia liberais, sendo seus caracteres apropriados pelas massas pauperizadas na forma de um raivoso clamor por mudanças para enfrentá-la. Além disso, como defende Marc Ferro, "as carências do regime parlamentar, o medo da desordem, a frustração devido à mutilação de uma sociedade estressada no esforço de guerra que se sente perdedora nos dois campos (...) e o medo do bolchevismo" (1996: p.171) são características que, justamente neste contexto de incerteza e instabilidade, possibilitaram o surgimento e o triunfo de partidos ultranacionalistas na Europa, sobretudo na Alemanha. Podemos dizer, portanto, de forma a reafirmar a sentença de Hobsbawm, que "foi a Grande Depressão que transformou Hitler de um fenômeno de periferia política no senhor potencial, e finalmente real, do país" (1995: p. 133).

Com um uso perspicaz da retórica, à frente de uma ativa campanha publicitária, Hitler ascendeu ao poder como chanceler alemão em 1933, após a vitória nas eleições presidenciais de seu então rival, Paul Von Hindenburg (presidente reeleito), e que para tentar uma aliança com o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), cedeu a sua liderança a recém-criada chancelaria. Com a morte de Hindenburg, 1934, o então chanceler funde chancelaria e presidência, proclamando o fim dos princípios republicanos de Weimar e fundando o que seria o *III Reich,* sucessor do Sacro Império Romano-Germânico e do Império dos *Kaisers*, conduzindo o país não apenas à Segunda Guerra Mundial, mas também a um dos períodos mais tenebrosos da história da humanidade. Ainda que seu governo tivesse recuperado o país da crise econômica de forma rápida e eficiente, mesmo que no uso imaginário comum, e o regime tivesse trazido grandes ganhos em termos de capitais, tecnologia e indústria, as atrocidades cometidas foram incontáveis: "perseguição, exclusão socioeconômica, expropriação, trabalho forçado, tortura, guetoização e extermínio de seis milhões de judeus da Alemanha e da Europa" (CAVALCANTE, 2013: p. 84), o que nos possibilita dizer, face à catástrofe colhida como custo social, que não houve benéfice alguma produzida pelo regime.

Antes de partirmos para a análise da iconografia proposta neste trabalho, devemos entender, então, no que consiste o totalitarismo, chave conceitual apropriada para a compreensão do nazi-fascismo. Segundo Hannah Arendt, esse é caracterizado pela centralização do poder em uma única autoridade, em um único líder, e tem como principal objetivo a dominação de todos os indivíduos, sob o recurso da violência, de forma a retirar completamente a liberdade desses (2012: p. 455). Trata-se de um regime extremamente violento e opressor, que toma o Estado para si com o controle total da burocracia e da sociedade e se utiliza de uma figura pública autoritária – ainda que populista – para manipular e convencer a população de suas ideias, normalmente de cunho expansionista e nacionalista.

O fascismo foi desenvolvido, então, como a "onda do futuro", estimulando a direita internacional a derrubar os regimes liberais democráticos, de forma a inspirar até mesmo os líderes autoritários ainda sem uma característica ideologia, mas que carregavam em seu âmago o anticomunismo (ARENDT, 2012: p. 116-117). Se não fosse pelo triunfo de Hitler, o fascismo não teria ganhado as proporções que ganhou: "Mais que isso, sem o triunfo de Hitler na Alemanha, a ideia do fascismo como um movimento universal, uma espécie de equivalente direitista do comunismo internacional tendo Berlim como sua Moscou, não teria se desenvolvido" (ARENDT, 2012: p. 120).

> "A ascensão de Hitler ao poder foi legal dentro do sistema majoritário, e ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas" (ARENDT, 2012: p. 356).

O totalitarismo baseia-se, portanto, no apoio das massas, objetivando-as e organizando-as em torno de um fanatismo desenfreado, que não apenas apoia, ou ao menos tolera, a violência contra os inimigos do movimento, mas está disposta a ser o objeto dessa violência desde que isso garanta seu status de participante do movimento (ARENDT, 2012: p. 356-357). As massas devem ser numerosas, motivo pelo qual os totalitarismos prosperaram apenas em grandes nações europeias - a própria Alemanha precisou conquistar territórios ao Leste, já durante a guerra, para tornar-se um regime verdadeiramente totalitário. São formadas por pessoas neutras e politicamente indiferentes, que não conseguem se unir em organizações com interesses em comum, como partidos, e, por conta desta falta de conhecimento e apatia política, os totalitarismos estrearam um tipo de propaganda totalmente novo:

> "(...) os movimentos, até então colocados fora do sistema de partidos e rejeitados por eles, puderam moldar um grupo que nunca havia sido atingido por nenhum dos partidos tradicionais. Assim, sem necessidade e capacidade de refutar argumentos

> contrários, preferiram métodos que levavam à morte em vez da persuasão, que traziam terror em vez de convicção" (ARENDT, 2012: p. 362).

A propaganda, então, ocupa papel central na persuasão das massas, caminhando lado a lado com o terror psicológico imposto sobre a sociedade. Em estágios iniciais, a propaganda destina-se, sobretudo, às camadas da população ainda não totalitárias da nação e ao mundo externo, ou seja, aos países não-totalitários; em estágios mais avançados, já com o totalitarismo no poder, destina-se, também, aos que ainda não foram suficientemente doutrinados, sejam eles membros da população ou até mesmo membros dos próprios partidos totalitários. O elemento do terror teve especial protagonismo no regime nazista. Através de uma "propaganda de força", os nazistas cometiam atentados, vangloriando-se deles, contra figuras desconhecidas, como políticos socialistas ou membros de partidos inimigos, para mostrarem o que poderia acontecer com quem se opusesse aos seus ideais (ARENDT, 2012: p. 393). A falta de responsabilidade criminal e jurídica por estes atentados deixou claro para a população que o Partido Nazista tinha mais poder do que as autoridades e, que, dessa forma, era melhor se juntar a eles e sua nova forma de governo do que seguir os antigos ideais republicanos.

A propaganda totalitária utiliza-se muito do cientificismo, da ficção e de mentiras para o embasamento de suas ideias - como já citado anteriormente e como veremos a seguir, na Alemanha de Hitler o judeu ocupava uma posição inferior, elucidada, sobretudo nos cartazes de propaganda, pela desumanização do povo através de figuras animalescas e até mesmo monstruosas. Além disso, Hannah Arendt aponta como uma das características intrínsecas do totalitarismo a infalibilidade dos líderes autoritários, que, uma vez ao poder, fazem de tudo para tornar suas predições verdadeiras, já que não podem, de forma alguma, assumirem seus erros (2012: p. 398). O discurso de Hitler já citado aqui, no qual ele prevê uma nova guerra iniciada pelos judeus, não foi de fato uma previsão, mas, sim, uma antecipação do que já estava em seus planos. Quando os nazistas colocam a culpa nos poloneses pela troca de tiros na fronteira e nos judeus pela declaração de guerra da Inglaterra, não resta opção aos alemães que não a de ouvir e seguir o *Führer*, que no ideário alemão não só previra a guerra, mas também a conquista da Alemanha e o aniquilamento do povo judeu. Tal aniquilamento não é, portanto, uma escolha: já era uma certeza prevista pelo líder nazista.

Vale ressaltar, também, a importância da cultura para o Partido Nazista:

> "O Nacional-Socialismo, i.e. nazismo, representava muito mais do que um movimento político. Seus líderes, que chegaram ao poder em janeiro de 1933, desejavam ir além da obtenção da autoridade política, da revisão do Tratado de Versailles, e da recuperação e expansão dos territórios perdidos após a humilhante derrota alemã na Primeira Guerra Mundial. Eles também pretendiam alterar o cenário cultural da sua sociedade, recuperando o que eles acreditavam ser os valores tradicionais "alemães" e "nórdicos", limitando e eliminando a influência judaica, "estrangeira" e "degenerada" (US Holocaust Memorial Museum, data incerta).

A cultura nazista valorizava o campo, a conexão com a natureza, a família e as verdadeiras qualidades do povo alemão, como o heroísmo bélico, o trabalho, a pureza da raça e o autossacrifício do povo em prol do regime, sendo uma propaganda de como deveria ser o mundo ideal, contrastado, então, com o mundo "degenerado" da arte moderna. Manifestava-se de diversas formas, como cinema, música, literatura, pintura e até na arquitetura, sempre mediante a proibição de artistas não-arianos e a exaltação de artistas alemães, muitas vezes até do próprio Partido Nazista e também de figuras nomeadamente antissemitas - Hitler, por exemplo, era um grande fã das óperas de Wagner, não apenas antissemitas, mas também de forte apelo populista alemão. O *Führer* era um artista frustrado, que, quando jovem, foi negado duas vezes pela Academia de Belas Artes de Viena.

Mais uma vez e em uma nova esfera, os judeus foram responsabilizados pela decadência da sociedade alemã.

> "(...) o processo de coordenação da esfera cultural envolveu um expurgo geral de judeus das instituições culturais e uma rápida escalada ofensiva contra comunistas, social-democratas, esquerdistas, liberais e qualquer um de mente independente. A remoção dos judeus da vida cultural era uma prioridade específica, visto que os nazistas afirmavam que eles tinham sido os responsáveis pelo solapamento dos valores culturais alemães por meio de invenções modernistas como a música atonal e a pintura abstrata" (EVANS, 2010, p. 425).

Durante o Terceiro *Reich,* foram comuns as queimas públicas de livros e o confisco ou destruição de pinturas de vanguardas artísticas, como cubismo, abstracionismo geométrico, expressionismo, dadaísmo etc. O regime favorecia e financiava artistas que estavam alinhados aos ideais políticos do governo e aos cânones que este enalteceu desde uma matriz greco-romana, destinando grandes quantias em dinheiro para a criação e promoção da arte, ocasionando, assim, um dirigismo cultural. Hitler não desejava uma elitização da cultura - pelo contrário, queria atingir as camadas mais baixas da população e inserir seus ideais de mundo na vida cotidiana dos alemães -, mas desejava, sim, uma cultura totalitária, totalmente sob o controle de seu partido. Dessa forma, a cultura era um dos principais recursos políticos do período, e a propaganda, intrínseca ao nazismo.

Para Hitler, "a arte da propaganda se sustenta em compreender as ideias emocionais das grandes massas e encontrar, através de uma forma psicologicamente correta, o caminho para a atenção e, então, para o coração das grandes massas". Tal passagem de *Mein Kampf* evidencia a certeza de Hitler, antes mesmo da fundação do Nacional-Socialismo, de que, através da propaganda, as grandes massas seriam conquistadas. Dedicou dois capítulos inteiros de seu livro à propaganda, no qual conta que se descobriu um talentoso demagogo quando, na Grande Guerra, foi encarregado de informar o Exército sobre grupos extremistas e teve a chance de discursar perante uma grande audiência, de "nacionalizar" as tropas (WELCH, 2002: p.10-11).

> "Depois de minha entrada no Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, tomei imediatamente conta da direção da propaganda. Eu tinha este setor, naquele momento, como o mais importante de todos. Tratava-se menos de assuntos de organização do que de propagar a ideia ao maior número possível. A propaganda devia preceder à organização, conquistando o material humano necessário a esta. (...) Dediquei-me nos primeiros tempos da minha atividade partidária, à propaganda. Por essa propaganda dever-se-ia conseguir, pouco a pouco, um pequeno núcleo de indivíduos, convencidos da nova ideia, os quais formariam assim o material, que mais tarde, poderia fornecer os primeiros elementos de uma organização. Visávamos mais a propaganda do que a organização" (HITLER, 1983: p. 361-362).

Mas não foram apenas as habilidades e a paixão de Hitler que construíram seu império de imagens: o apoio da população atomizada sob um onipresente domínio de terror, a opinião pública e censura e um aparato propagandístico altamente habilidoso, comandado pelo seu Ministro de Propaganda, Joseph Goebbels[8], tiveram papel importante no alcance atingido pela publicidade nazista. Entre 1928 e 1932, o Partido Nazista passou de 2,6% do total de votos para 37,3% (WELCH, 2002: p.9), tornando-se o maior partido da Alemanha, o que o historiador Zbyněk Zeman argumenta "ter sido devido à habilidade de exploração de técnicas de propaganda" (1973: p. 32). Goebbels acreditava na força política da propaganda, de forma que não bastava apenas conquistar as massas no início do império nazista, mas sim manter uma relação com elas, criando uma conexão entre governo e população. No Estado Nacional Socialista não era suficiente apenas tolerar o governo, era necessário a mobilização e

[8] Figura expressiva do nazismo, Joseph Goebbels juntou-se ao partido em 1924, ascendendo rapidamente até assumir o Ministério de Propaganda do III *Reich* em 1933, sendo um dos maiores e mais confiáveis súditos de Hitler. Seu Ministério controlava a produção e veiculação de todas as mídias, como jornais, rádios e revistas, e também a programação cultural, como o teatro e o cinema, pregando a limpeza cultural e censurando tudo o que fugia dos ideais nazistas. Teve papel crucial na disseminação do antissemitismo através da propaganda, e, assim como o *Führer*, era um ótimo orador e também um artista fracassado. Foi um dos responsáveis pela Noite dos Cristais, em 1938, que inaugurou o aprisionamento dos judeus em campos de concentração, além de um ferrenho defensor da Solução Final. Em 1945, apenas um dia após os suícidos de Hitler e Eva Braun, Goebbels e sua esposa, Magda, doparam seus seis filhos com morfina e os assassinaram com ácido cianídrico, ambos cometendo suicídio logo em seguida, no bunker da Chancelaria em Berlim.

comprometimento do povo, sendo esses adquiridos mais facilmente através de uma propaganda criativa do que por coerção e uso de força (WELCH, 2002: p.24-25). A população deveria ser instruída e guiada a certos assuntos, sendo manipulada a abrir mão de seus direitos individuais em prol do bem comum e para a construção de uma nova ordem.

Para além das questões políticas e econômicas, cabe aqui apresentar a questão psicológica do nazismo, baseada nos estudos de Erich Fromm, com foco na análise do caráter de classe da sociedade alemã e como essa respondeu, consentindo com a intensificação do autoritarismo político, à crise estrutural que acometeu aquela realidade no pós-guerra. Para ele, o nazismo não constituiu apenas um regime político assentado sobre uma estrutura de Estado, mas seu sucesso está diretamente relacionado a uma base social, composta por dois tipos distintos de grupos de indivíduos subalternizaedos nas relações capital/trabalho (trabalhadores pobres X estratos baixos da classe média): os que não se identificavam plenamente com a ideologia nazista, mas se submeteram ao regime de forma resignada, e os fanáticos apoiadores do nazismo, que o propagavam com extrema admiração (1986 apud ZAGNI, 2016: p. 5). Em ambos os grupos, a submissão às autoridades e a crise de classes sociais corroboraram para o apoio cego ao regime.

Fromm defende que:

> "(...) a essência do caráter autoritário é a presença simultânea de dois impulsos: o sadismo e o masoquismo. Enquanto no sadismo tem-se a pulsão pelo exercício de poder absoluto, por vezes destrutivo, sobre aqueles considerados inferiores e indefesos; no masoquismo o impulso é pela absorção, e mesmo desintegração, do indivíduo em relação a um poder esmagadoramente forte e ao qual pretende, por meio da anulação de sua própria individualidade, integrar, outorgando a inteligência do corpo (a massa) ao líder. As pulsões sadomasoquistas, por sua vez, manifestam-se em contextos de desarticulação ou mesmo destruição das teias de sociabilidade, em que indivíduos têm sua condição natural de existência social dificultada ou anulada. Face ao isolamento social e na ausência de conteúdos ético-morais que, a partir da cultura hegemônica, permitam reconhecer o outro como indivíduo pleno - situação patológica que nega o homem como animal político -, a solidão impeliria os indivíduos, para sua superação, a esses dois extremos de relacionamento" (1986 apud ZAGNI, 2016: p. 12-13).

Em pesquisa de Fromm divulgada pelo Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, o autor constatou que aproximadamente 10% da população era efetivamente autoritária, 15% antiautoritária, que jamais seriam nazistas, e em torno de 75% de caráter misto e passivo, o que corrobora o já exposto aqui por Hannah Arendt: o foco no recrutamento de indivíduos indiferentes e apolíticos (MARQUES, 2015: p. 136-137).

A propaganda como obtenção de poder, como já vimos, deveria estar voltada às massas, que, na concepção de Hitler, são ignorantes e esquecidas e, portanto, para se ter

eficiência na publicidade são precisos slogans curtos e capazes de serem entendidos até o último homem:

> "(...) toda a propaganda deve ser popular e estabelecer o seu nível espiritual de acordo com a capacidade de compreensão do mais ignorante dentre aqueles a quem ela pretende se dirigir. Assim a sua elevação espiritual deverá ser mantida tanto mais baixa quanto for a massa humana que ela deverá abranger. Tratando-se, como no caso da propaganda da manutenção de uma guerra, de atrair ao seu círculo de atividade um povo inteiro, deve-se proceder com o máximo cuidado, a fim de evitar concepções intelectuais demasiadamente elevadas. Quanto mais modesto for seu lastro científico e quanto mais ele levar em consideração o sentimento da massa, tanto maior será o seu sucesso" (HITLER, 1983: p.121).

A linguagem deve ser simples e repetitiva, dando ênfase a elementos sentimentais como amor e ódio, pois as emoções e a fé são mais duráveis e menos abaláveis do que a inteligência e o saber, ao passo que a realidade deve sempre ajustar-se à necessidade. Os grandes discursos do *Führer* demonstram a subjetividade e o apelo emocional de suas palavras e, para ele, "o orador mais eficiente não é o que mais se aproxima dos elementos intelectuais do auditório, mas o que consegue conquistar o coração da maioria" (HITLER, 1983: p. 220).

Neste contexto, a propagação do antissemitismo constituiu uma estratégia extremamente apelativa e de fácil entendimento: se as propagandas que veiculavam o povo ariano propagavam o belo, o justo, o forte e o heroico, tocando o coração das massas, as propagandas antissemitas mostravam o feio, o depravado e o monstruoso, incitando a revolta e o ressentimento da população. O antissemitismo consagrou-se, então, como aspecto central da propaganda nazista, fazendo da questão judaica uma preocupação individual do povo alemão e não meramente uma opinião ou uma política nacional (ARENDT, 2012: p. 405): era parte constituinte do regime. Diziam que a única coisa entre a conquista internacional nazista era justamente o domínio já estabelecido dos judeus, e que a nação que conseguisse derrotá-los tomaria seu lugar no poder mundial. A propaganda nazista criou esta ficção para se sobrepor ao mundo real, na qual mitos antes questionáveis tornaram-se verdade absoluta: os judeus eram os detentores do poder mundial e deveriam, sim, ser combatidos. Não existia espaço nem para questionamentos nem para opiniões.

ANÁLISE DA PROPAGANDA VISUAL

Ao nos depararmos com as imagens antissemitas aqui selecionadas - e com as imagens antissemitas do período nazista como um todo - percebemos 3 blocos distintos de imagens,

que serão analisados em conjunto para maior entendimento e aproveitamento deste trabalho: imagens voltadas ao público infantis, imagens animalescas e imagens conspiradoras.

Bloco 1 - Figuras (1) e (2)

Como elementos pré-iconográficos das imagens, enxergamos uma variedade de cores e elementos na figura (1), como um lago, montanhas, casas, árvores, flores, um cais com um pescador, quatro barcos, uma gangorra, e algumas crianças, enquanto na figura (2) os elementos são um pouco mais enxutos: um muro com alguns desenhos infantis e escritos, três corvos ao chão e um mural com recortes de jornais, com o escrito "Der Stürmer" (O Atacante), entre duas suásticas pretas. Em ambas as imagens, reconhecemos em primeiro plano algumas pessoas, mas, enquanto na figura (1) o destaque encontra-se em uma família de cabelos escuros, rostos largos e narizes grandes, um cachorro preto, dois corvos e uma placa onde se lê "Juden sind hier unerwuenscht" (Judeus não são bem-vindos aqui), na figura (2) encontramos dois grupos distintos de pessoas: três crianças loiras e de pele clara e três homens mais velhos de pele morena, com trajes escuros, grandes narizes e feições endurecidas. As crianças observam os jornais, nos quais vemos alguns dizeres como: "Achtung!" (Perigo!), em letras vermelhas garrafais, acima de um desenho do perfil de um homem aparentemente careca e com um rosto largo; "Açougueiro judeu"; "Wie der Jude betrügt" (Como o judeu trapaceia); e "Der Talmudjude". Abaixo do mural, lemos: "Juden sind unser Unglück" (Judeus são nossa infortúnia).

Partindo para o nível iconográfico, reconhecemos nas ilustrações crianças arianas e judeus. Na figura (1), entendemos o cenário como um lugar feliz, onde o céu é azul, há flores e árvores, pessoas podem pescar e crianças podem brincar livre do perigo: a Alemanha nazista ideal, com uma vida no campo e conectada à natureza, com a presença exclusiva de arianos. Vemos duas crianças alemãs andando no que parece ser o caminho de entrada deste paraíso, próximas aos judeus, olhando para trás com expressões preocupadas, quase como se reconhecessem o perigo e se afastassem de possíveis invasores. Já na figura (2), o perigo está mais próximo e os três judeus dividem o mesmo espaço que os alemães, reunidos em um pequeno grupo que parece conspirar. No canto direito da figura, reconhecemos o desenho grotesco de um judeu. "Der Talmudjude" refere-se a uma obra antissemita do autor alemão, August Rohling, de 1871. Em ambas imagens, as cores escuras, sobretudo o preto, estão ligadas ao povo judeu e têm uma conotação pejorativa, de algo ruim, perigoso, decadente e sombrio.

Partindo para o nível iconológico, entendemos que estas imagens tentam promover o ideal racial nazista, escancarar as diferenças entre alemães e judeus e justificar as cada vez mais crescentes restrições antissemitas. Pela junção de cores chamativas, o estilo dos desenhos e elementos como montanhas, brinquedos de parque e árvores, percebemos, imediatamente, a quem esta propaganda se destina: às crianças; o berço, a base, a parte mais velada da manipulação nazista. Se para os adultos a propaganda em revistas, no rádio, no cinema e no teatro seria o meio de controle social, para as crianças, seria a educação, os livros. Os nazistas enxergavam as crianças como o futuro do novo mundo, e por isso precisavam fazê-las racialmente conscientes e fisicamente aptas a uma nova Alemanha.

Estas ilustrações representam, portanto, a doutrinação nazista desde os primeiros anos de vida dos alemães, e compõem livros infantis antissemitas, ambos de 1936: não encontrei ao certo o livro no qual encontra-se a figura (1), mas a figura (2) está presente no livro "Trau keinem Fuchs auf grüner Heid und keinem Jud bei seinem Eid" (Não confie em nenhuma raposa no prado verde e nenhum judeu em seu juramento). Importante aqui ressaltar a distinção no estereótipo dos judeus mostrados. Embora os traços físicos sejam similares e enxerguemos a comparação deles com corvos em ambas ilustrações, na figura (2), os judeus se assemelham ao estereótipo de homens assustadores, velhos e ranzinzas, com ar de conspiradores, enquanto na figura (1), quase se assemelham aos arianos: usam roupas não muito diferentes e compõe uma família com pais, filho e cachorro. Segundo os nazistas, o judeu muda sua aparência exterior, como cabelo, barba e roupas, para não ser reconhecido, sempre tentando esconder suas próprias origens quando não está entre outros judeus (O Eterno Judeu; Direção: Fritz Hippler. Terra Film, 1940. [62 min]). Dessa forma, a imagem (2) almeja mostrar às crianças alemãs que, por mais que demonstrem inocência e se pareçam com suas próprias famílias, os judeus não devem ser confiados e nem aceitos, estão apenas se infiltrando na sociedade ocidental.

Simultaneamente às primeiras queimas de livros considerados impróprios para os alemães, sendo a maior delas em maio de 1933, em Berlim, livros nazistas antissemitas foram introduzidos nas escolas, que tornaram-se um dos focos de grande controle do governo e de Joseph Goebbels. Para além dos livros, as organizações estudantis de caráter paramilitar, a Juventude Hitlerista e a Liga das Moças Alemãs, introduziam as crianças aos ideais nazistas e as ensinavam desde cedo a celebrar Hitler e seu partido. Enquanto os meninos da Juventude recebiam treinamento militar, as meninas da Liga eram treinadas para se tornarem boas mães e esposas - todas as outras organizações juvenis foram proibidas e a filiação a essas tornou-se obrigatória em 1939 para jovens de 10 a 18 anos, com ameaças aos que não cumprissem o

decreto. Contando com um número de 100.000 membros no começo de 1933, estas organizações chegaram a reunir 7,2 milhões de pessoas em 1940, representando 82% dos jovens alemães (US Holocaust Memorial Museum, data incerta).

Quando a guerra eclodiu, boa parte dos jovens que haviam sido preparados pela Juventude e pela Liga foram enviados para servir como combatentes, policiais, médicos e secretárias. Os mais novos, ainda pertencentes às organizações, se envolviam de outra forma, como prestando apoio ao envio de suprimentos. Ao longo da guerra, e, sobretudo a partir de 1943, com o agravamento da situação do Eixo, os adolescentes e jovens passaram a operar armamento pesado e participaram de diversos massacres, além de terem se envolvido com atividades em campos de concentração. Alguns se envolviam em questões mais administrativas, mas muitos outros trabalharam como guardas, estando ligados diretamente à milhares de mortes - alguns deles não haviam sequer completado seus vinte anos.

Bloco 2 - Figuras (3) e (4)

Como elementos pré-iconográficos, enxergamos na figura (3), de fundo vermelho, um macaco trajando terno e chapéu pretos e vermelhos, uma camisa social branca e uma gravata borboleta vermelha. O animal usa luvas ao tocar um saxofone e porta uma Estrela de Davi no peito. Abaixo, lemos: “Entartete Musik” (Música Degenerada), em grandes letras brancas, e, em letras um pouco menores, “Eine Abrechnung von Staatsrat Dr. H.S. Ziegler" (Um Acerto de Contas do Conselheiro de Estado Dr. H.S. Ziegler). Na figura (4), com fundo preto, encontramos dois elementos em primeiro plano: um grande piolho e o rosto cadavérico de um homem barbudo, aparentemente sem um dos olhos, usando um quipá. Lemos, em letras azuis e amarelas "Żydzi Wszy" e "Tyfus Plamisty" (algo como "Judeus são como piolhos: eles causam tifo").

No nível iconográfico, entendemos os dois animais presentes nos cartazes como uma representação, no caso do macaco, e uma comparação, no caso do piolho, aos judeus. Enquanto na figura (3) a imagem do animal tem um sentido mais humilhante, em mostrar o povo judeu como degradado e inferior, na figura (4), entendemos a comparação aos piolhos de uma forma mais assustadora e perigosa: eles são como pragas, se espalham e causam doenças. Interpreto que o judeu desenhado de forma cadavérica não representa somente a degradção do povo, mas refere-se à figura da Morte, carregada e perpetrada pelos judeus por onde quer que passem As cores escuras, mais uma vez, são usadas para representá-los diretamente ou trazer para um tom sombrio às imagens. No caso da figura (3), vemos que o vermelho tem o destaque da imagem, não apenas por ser uma cor naturalmente chamativa e muito usada na

propaganda como um todo, mas também para ligar o povo judeu ao Comunismo e à União Soviética.

No campo iconológico, reconhecemos e nomeamos este segundo bloco como a desumanização do povo judeu, tática usada frequentemente ao longo da História para desmoralizar e horrificar o "outro", o inimigo, não apenas para tirar-lhes a empatia, mas também para fomentar a luta. Em seu livro, bem antes da confecção destas imagens, Hitler declara:

> "[O judeu] é e será sempre o parasita típico, um bicho, que, tal qual um micróbio nocivo, se propaga cada vez mais, assim que se encontra em condições propícias. A sua ação vital igualmente se assemelha à dos parasitas, onde ele aparece. O povo, que o hospeda, vai ser exterminado mais ou menos rapidamente (1983, p. 198).

A comparação dos judeus aos animais é constante durante todo o regime nazista, sendo bem retratada em uma grande obra do período: o filme "O Eterno Judeu". Produzido em 1940, a mando de Joseph Goebbels, o documentário mostra imagens reais do gueto de Lodz, na Polônia, afirmando seus lares serem imundos, descuidados e infestados por insetos, mesmo após tantas décadas de enriquecimento. Ao mostrar a expansão judaica - repleta de falácias - pelo mundo, o filme os compara aos ratos:

> "Paralelo a esta peregrinação judia pelo mundo, temos a migração de um incansável animal: o rato. (...) Onde quer que os ratos apareçam, levam destruição à terra, às mercadorias e alimentos, e espalham pragas e doenças como cólera, disenteria, lepra e febre tifoide. Eles são espertos, covardes e cruéis; geralmente surgem em gigantescas multidões. Eles representam os elementos de dissimulação e destruição subterrânea entre os animais, da mesma maneira que os judeus fazem com a Humanidade".

Nas imagens (3) e (4), contudo, há uma certa diferença na representação do judeu, entendida em seu contexto histórico-cultural. A figura (3) compôs a exposição itinerante chamada de "Arte Degenerada", inaugurada em Munique, em 1937, e foi capa da mostra "Música Degenerada", exibida em Düsseldorf, em 1938. A exposição inaugurou forte repressão aos artistas: todos mostrados ali estavam proibidos de exercer seu ofício na Alemanha nazista, e, posteriormente, diversos foram perseguidos e enviados a campos de concentração. Como já mencionado, a arte moderna, em todas as suas formas, era considerada imprópria, e, na música, o jazz era o estilo mais atacado pelos nazistas, considerado sexualmente provocante, imoral, bárbaro e subversivo. Segundo o organizador da exposição e também diretor do Teatro Nacional de Weimar, Hans Severus Ziegler, "o que foi reunido para essa exposição é uma verdadeira festa das bruxas, uma imagem da arrogância judaica e uma

completa imbecilização espiritual" (Deutsche Welle, 2013). A figura (3) mostra, também, o preconceito racial contra pessoas negras que, apesar de em quantidade muito menor, também foram perseguidas e executadas.

Já na figura (4), a desumanização tem um contexto um pouco diferente: o cartaz impulsiona seu espectador ao completo asco dos judeus e ao consequente extermínio do povo, mostrando-os como uma praga a ser combatida. Lançado em 1941 na Polônia, então anexada ao Terceiro *Reich*, o cartaz faz referência ao surto de tifo na Europa durante a Segunda Guerra, sobretudo no Gueto de Varsóvia, onde em torno de 400 mil judeus viviam na época, culpando-os pela causa e transmissão de doenças infecciosas. Os nazistas escondiam o fato de que este povo contraía tais doenças justamente por estarem submetidos a condições degradantes de vida, e não o contrário. Além disso, para além dos guetos, o país abrigou 10 campos de concentração, incluindo os principais: Sobibor, Treblinka e o complexo de Auschwitz-Birkenau, onde estima-se que entre 1 milhão e 1,5 milhão de pessoas tenham morrido, muitas decorrentes de doenças.

No mesmo ano de lançamento da figura (4), foi orquestrado, também, dois meses depois, um programa que mudaria os rumos e levaria à Guerra a um outro nível de crueldade: a Solução Final. Chegara o momento que tantos anos de antissemitismo prepararam, o momento pelo qual o povo judeu mais temia. Planejado por Reinhard Heydrich e Heinrich Himmler, dois membros do alto escalão do NSDAP e do círculo próximo de Hitler, a Solução planejava exterminar os judeus, em um primeiro momento, pelo fuzilamento por meio do Einsatzgruppen, um grupo de extermínio enviado com a ordem de matar todos os judeus do oeste da União Soviética. Posteriormente, buscando-se um meio mais eficaz, foram instituídas as câmaras de gás e, a partir desse momento, os campos de concentração passaram a receber centenas de milhares de pessoas.

Bloco 3 - Figuras (5), (6), (7) e (8)

Como análise primária das imagens, percebemos, imediatamente, as mesmas características físicas dos sujeitos principais mostrados: pele morena, cabelos escuros, feições endurecidas e grandes narizes. Com exceção da imagem (8), em todas as outras, as figuras masculinas utilizam chapéu. Lemos nas imagens (5), (6), (7) e (8), respectivamente: "Juden Komplott gegen Europa" (Complô Judaico contra a Europa); "Hinter den Feindmächten: der Jude" (Por trás dos poderes inimigos: o judeu); "Der ist schuld am Kriege" (A guerra é culpa dele); e "Der Jude: Kriegsanstifter, Kriegsverlängerer" (O judeu: o incitador da guerra, o prolongador da guerra). Na figura (5), vemos dois homens em cima de platôs vermelhos

apertando as mãos enquanto um terceiro homem, representado apenas por sua cabeça, observa. Um dos homens tem bigode e utiliza uma roupa militar, e de suas mãos escorre um líquido vermelho; o outro, fuma um charuto e estampa em suas vestes a bandeira do Reino Unido. Na figura (6), vemos um homem de terno, gordo e rabugento, portando uma Estrela de Davi, por trás de 3 bandeiras distintas: Reino Unido, Estados Unidos e União Soviética. Já na figura (7), um grande dedo aponta para um homem encolhido muito similar ao da imagem anterior, com uma das mãos enfiadas no paletó, também portando o símbolo do judaísmo, e, na figura (8), enxergamos um rosto atrás de uma cortina, observando diversas mãos levantadas em riste. Em relação às cores, novamente identificamos cores mais escuras, principalmente nas imagens (7) e (8), e o vermelho, nas outras duas, como cores predominantes. Tons amarelados, contudo, estão presentes em todos os cartazes.

No nível iconográfico, reconhecemos na imagem (5) duas figuras importantes da Segunda Guerra apertando as mãos: Churchill e Stalin. Por trás e acima deles, um judeu conspirador observa a Europa que almeja dominar e uma União Soviética vermelha de sangue, que pinga das mãos de Stalin. Entendo que o amarelo presente em todas as figuras relaciona-se, assim como o vermelho, à bandeira da União Soviética, sobretudo ao símbolo da foice e do martelo, e também à Estrela de Davi amarela costurada nas roupas dos judeus da Alemanha Nazista. Na figura (7), um judeu com uma das mãos escondidas no terno, talvez escondendo algo, como os nazistas gostavam de mostrá-los, é apontado como o culpado pelo conflito, e, consequentemente, responsável por tantas mortes e tanta destruição.

Já nas figuras (6) e (8) entendemos o judeu não apenas como o culpado pela guerra, mas sim como protagonista, como dominador e orquestrador do conflito. Ele se esconde atrás de uma cortina, representada de forma literal na figura (8) e de forma metafórica na figura (6), através das bandeiras, comandando o combate coberto por seus aliados, Reino Unido, Estados Unidos e União Soviética. A cortina da figura (8) nos remete, também, a um espetáculo teatral, no qual o diretor comanda a apresentação por detrás do palco.

Partindo para a análise iconológica, entendemos a estereotipização do judeu como banqueiro, comerciante e conspirador mundial, que enriqueceu ao longo dos séculos através da venda de mercadorias e dos negócios, o que é totalmente condenado pelo regime nazista: para eles, a forma digna de trabalho é atráves do trabalho braçal, do trabalho no campo, na agricultura, nas indústrias. O judeu só compra e vende, sem produzir nada.

Como exposto em “O Eterno Judeu”:

> “Raramente os judeus são vistos fazendo algo útil, e quando o fazem, como aqui, não é voluntário. O Governo Militar alemão está fazendo com que eles limpem os

> destroços. Parece que eles não estão acostumados e nem gostam de trabalhar. Mas isso não é fraqueza, é para atrair piedade. Estes judeus não querem trabalhar, querem comercializar! Não é verdade que os judeus têm que fazer comércio porque as outras profissões estão fechadas para eles. Ao contrário, eles são doidos pelo comércio porque é o que se adapta a suas características e inclinações naturais (...) A produção, ele deixa para os trabalhadores e camponeses da nação hospedeira. Os judeus são um povo sem camponeses nem trabalhadores, uma raça de parasitas (...) eles se agarram e se alimentam do organismo em decomposição, negociam com a enfermidade das nações, esforçando-se para aprofundar e prolongar todas as condições de enfermidade".

Segundo os nazistas, o judeu só pensa em dinheiro, independentemente de que forma o conseguirá. Começam vendendo qualquer coisa que consigam, até terem uma loja e, posteriormente, os mais escrupulosos, um armazém ou um banco, que lhes permite ocupar mansões perto das grandes cidades dos países ocupados, onde possam fazer seus negócios. Ainda em "O Eterno Judeu", são mostradas cenas de um suposto filme produzido por judeus americanos, que conta a história da próspera família de bancários Rothschild. A cena mostra os judeus escondendo seus pertences e joias para, segundo os nazistas, fingirem pobreza e não pagarem os devidos impostos ao país que os acolheu.

As imagens desse bloco foram produzidas em um momento em que a guerra já não estava tão favorável para Hitler e os países do Eixo, principalmente as figuras (7) e (8), de 1943 e 1944. As perdas eram cada vez maiores e mais frequentes, e o povo alemão começava a duvidar da guerra que tanto apoiaram. Como parte do esforço de guerra final, culpabilizar massivamente os judeus pelas fatalidades da guerra era uma forma de reafirmar o que foi dito por Hitler lá em 1939: se houver uma guerra, começará por conta do povo judeu e, portanto, tudo decorrente dela, será, também, culpa dos judeus.

CONCLUSÕES

A propaganda nazista antissemita durante o Terceiro *Reich*, neste trabalho demonstrada pelas imagens, obteve não apenas um sucesso, mas sim um sucesso constante. Ela foi capaz de concentrar as frustrações e a raiva do humilhado povo alemão em um principal alvo: os judeus. Mesmo - e sobretudo - nos momentos finais da Segunda Guerra, durante os quais o povo já havia perdido as esperanças depois de tantas perdas, colocando em descrédito o nazismo e seus líderes, a perseguição aos judeus não cessou: muitos foram capturados com a ajuda de civis, seja pela recompensa monetária oferecida pelo governo ou mesmo pelo ódio e pela maldade.

Os judeus foram expulsos de suas casas, de seus trabalhos, foram atacados violentamente nas ruas e enclausurados em campos de concentração e extermínio, onde,

mesmo os que sobreviveram, sofriam com inanição, doenças e torturas. A propaganda fazia questão de divulgar que os judeus eram a escória do mundo e portanto não eram bem-vindos nas terras dos arianos, devendo ser exterminados. Utilizava-se das emoções do povo, do amor à nação e do ódio ao estrangeirocpara movimentar as massas e ganhar o suporte, ainda que muitas vezes passivo, da maioria da população.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, contudo, questionei-me sobre uma grande contradição deste tipo de propaganda: o estereótipo quase oposto dos judeus nas figuras dos blocos 2 e 3. Ora, se os judeus eram animais, monstros e pragas no primeiro, como poderiam ser seres políticos e conspiradores no segundo? Se não eram seres humanos, seres pensantes, como poderiam fazer parte de uma comunidade internacional tão influente, que levou o mundo às ruínas?

Acredito que a resposta seja mais fácil e mais inteligente do que parece e baseia-se em 2 pontos principais. Primeiro, a propaganda nazista não era voltada a um público específico, e nem mesmo somente para dentro da Alemanha - como vimos, existiam cartazes em outras línguas, voltados aos países conquistados e, também, aos países inimigos - e, por isso, com somente um estereótipo de judeu o alcance não seria total como deveria ser; segundo, como apontado anteriormente, a verdade e a objetividade deveriam ser evitadas, ou ao menos moldadas aos interesses nazistas, devendo o foco ser nas emoções, o que dava liberdade aos propagandistas de criarem diversas imagens para atingir diferentes sentimentos e corações alemães.

Dessa forma, suponho que houvesse, sim, os mais fanáticos, que acreditavam em ambas as propagandas, movidos pelo ódio a um povo diferente do seu que tomara seu território e seu país, sem se preocuparem se os judeus eram sub-humanos ou políticos conspiradores; mas existiam, também, os eugenistas, que acreditavam estritamente na inferioridade da raça judia, e, por outro lado, os mais preocupados com questões econômicas e políticas, que se inquietavam com a iminente dominação internacional dos judeus. É aí que encontra-se o sucesso da mobilização das massas e do controle social por meio da propaganda. O antissemitismo nazista não apoiou-se em uma narrativa só, por que deveria sua propaganda?

Os símbolos, as cores e os desenhos tiveram, sim, grande importância na influência exercida pela iconografia nazista, mas, para além de elementos constitutivos de uma imagem, a estratégia propagandística por trás dela, orquestrada sobretudo por Hitler e Goebbels, foi crucial para as atrocidades cometidas contra o povo judeu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985, pp. 61- 72 ("Teorias do fascismo alemão").

BLAINEY, Geofrey. **Uma breve história do século XX**. São Paulo: Fundamento, 2008, pp. 135-167 ("Uma segunda guerra mundial"; "De Pearl Harbor à queda de Berlim"; "Uma arma muito secreta").

CAVALCANTE, Ania; "O universo concentracionário nazista de 1933 a 1945 e a implementação da 'solução final da questão judaica", 1941-1945"; in: ZAGNI, Rodrigo Medina; BORELLI, Andreia. **Conflitos armados, massacres e genocídios: constituição e negação do direito à existência na era contemporânea**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

COGGIOLA, Osvaldo; "Natureza da Segunda Guerra Mundial"; in: COGGIOLA, Osvaldo (org.). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã, 1995, pp. 431-439.

CROUZET, Maurice. **A época contemporânea: O mundo dividido. História Geral das Civilizações**. Tomo VII – 2o v. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1958, pp. 11-100 ("A Segunda Guerra Mundial")

DELPA, François; "A Segunda Guerra Mundial"; in: PERRAULT, Gilles. **O livro negro do Capitalismo**. Rio Janeiro: Record, 2005, pp. 99- 123.

DOBB, Maurice. **A evolução do capitalismo**. Rio de janeiro: Zahar, 1971, pp. 391- 470.

FERREIRA, Yasmin Pires et al. **Persuasão, Poder e Imagem: a perpetuação da linguagem de propaganda nazista.** In: Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo/Foz do Iguaçu: Intercom, 2014.

ERIKSEN, Trond Berg. **História do anti-semitismo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

EVANS, Richard J. **A chegada do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Editora Planeta do Brasil, 2010.

FERRO, Marc. **História da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ática, 1996, pp. 168-177.

HERF, Jeffrey. **Inimigo Judeu: Propaganda Nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto.** São Paulo: Edipro, 2014.

HILBERG, Raul. **A Destruição dos Judeus Europeus**. Barueri: Amarilys, 2016a. Volume 1.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Editora Moraes LTDA, 1983.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.

KEEGAN, John. **The Second World War**. Nova Iorque: Penguin Books, 1989, pp. 588-595 ("The legacy of the Second World War").

LOHBAUER, Christian. **História das Relações Internacionais II: O século XX – do declínio europeu à Era Global.** Petrópolis: Vozes, 2012, pp. 79-94 ("O desastre da guerra total: a II Guerra Mundial").

LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels: Uma biografia.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

LUKACS, John. **A última guerra europeia: Setembro 1939 – Dezembro 1941**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, pp. 362-422 ("As relações entre os Estados").

MARQUES, Oswaldo Henrique Duek. **Contribuições psicanalíticas de Erich Fromm para a compreensão do nazismo**. 2015. 188 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15427.

MAZOWER, Mark. **O império de Hitler: O domínio nazi na Europa ocupada.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MESSADIÉ, Gérald. **História Geral do Anti-Semitismo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MOURTHÉ, Arnaldo. **História e colapso da civilização: é melhor o incômodo da advertência que a tragédia da ignorância**. Rio de Janeiro: Mourthé, 2012, pp. 506-522 ("A Segunda Guerra Mundial").

NEIVA Jr, Eduardo; "Imagem, História e Semiótica"; in: Anais do Museu Paulista. **História e Cultura Material**, nº 1. São Paulo: Museu Paulista, 1993.

SARAIVA, José Flávio Sombra; "A agonia europeia e a gestação da nova ordem internacional (1939-1947)"; in: SARAIVA, José Flávio Sombra (org.). **História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização**. São Paulo: Saraiva, 2008, pp. 169-196.

TAYLOR, A. J. P. **A Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, pp. 27-37 ("O problema esquecido").

THOMSON, David. **Pequena História do Mundo Contemporâneo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967, pp. 54-82 ("A Segunda Guerra Mundial – 1939-1945").

VIGEVANI, Tullo; "Natureza da Segunda Guerra Mundial"; in: COGGIOLA, Osvaldo Osvaldo (org.). **Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico**. São Paulo: Xamã, 1995, pp. 15-36.

WELCH, David. **The Third Reich: politics and propaganda.** Londres: Routledge, 2002.

ZBYNĚK A. B., Zeman, **Nazi Propaganda**. Londres: Oxford University Press, 1973.

ZAGNI, Rodrigo Medina; As profundezas do intangível: relações entre o antissemitismo religioso e o antissemitismo "científico" na justificativa nazista para a Shoah; in: BORELLI, Andrea; ZAGNI, Rodrigo Medina (Org.). **Conflitos armados, massacres e genocídios: constituição e violações do direito à existência na era contemporânea.** Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

ZAGNI, Rodrigo Medina. **Decifra-me ou devoro-te: o enigma do nazi-fascismo na obra de Erich Fromm**. Anais do XXIII Encontro Estadual de História - História: porque e para quem? ANPUH-SP – ISBN: 978-85-68545-01-0. Assis, 2016. Disponível em: https://www.encontro2016.sp.anpuh.org/resources/anais/48/1465438764_ARQUIVO_Decifra-meoudevoro-te.pdf.

Sites:

Deutsche Welle. **“Jazz e outros estilos musicais "degenerados" foram alvo dos nazistas”.** Disponível em: https://www.dw.com/pt-br/jazz-e-outros-estilos-musicais-degenerados-foram-alvo-dos-nazistas/a-16843797. Acesso em 24 de junho de 2021.

United States Holocaust Memorial Museum. **“Os Protocolos dos Sábios de Sião”**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/protocols-of-the-elders-of-zion. Acesso em 18 de maio de 2021.

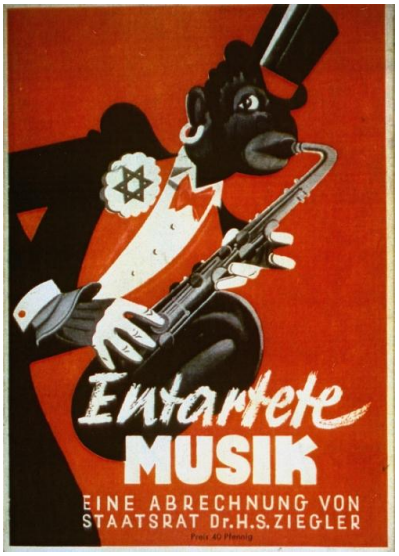
United States Holocaust Memorial Museum. **“A Cultura no Terceiro Reich: Disseminação da Visão de Mundo Nazista”**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/culture-in-the-third-reich-disseminating-the-nazi-worldview. Acesso em 26 de maio de 2021.

United States Holocaust Memorial Museum. **“Juventude Hitlerista”**. Enciclopédia do Holocausto. Disponível em: https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/hitler-youth-2. Acesso em 20 de junho de 2021.

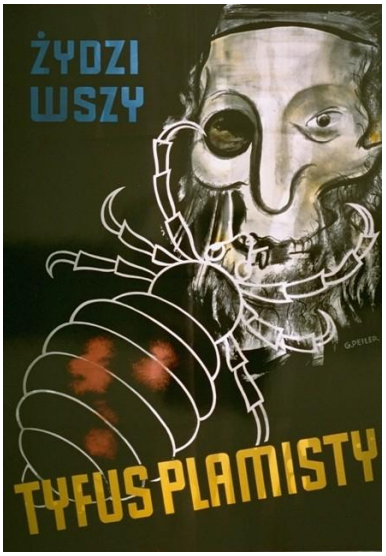
ICONOGRAFIA

(1)

(2)


Entartete
MUSIK
EINE ABRECHNUNG VON
STAATSRAT Dr.H.S.ZIEGLER

(3)


ŻYDZI
WSZY
TYFUS PLAMISTY

(4)

JUDEN KOMPLOTT
GEGEN
EUROPA!

(5)

Hinter den
Feindmächten:
der Jude

(6)

Der
ist schuld
Jude
am Kriege!

(7)

Der
Jude
Kriegsanstifter
Kriegsverlängerer

(8)